

# BOLETIM DE CONJUNTURA

83

# 2015

## 4º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

**A P I C C A P S**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

A larga maioria das empresas inquiridas considera que, no último trimestre de 2015, o estado dos negócios na indústria do calçado permaneceu suficiente, ou foi bom, e que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. No entanto, verificaram-se tendências desfavoráveis a nível da produção e encomendas, embora sem impacto significativo no emprego. A escassez de encomendas de clientes estrangeiros é, aliás, a principal preocupação da indústria. A desaceleração da conjuntura leva a que as empresas tendam a considerar que o estado atual dos negócios é menos favorável do que o registado há um ano.

Para o primeiro trimestre de 2016, as empresas preveem que a produção e as encomendas estabilizem e que o estado dos negócios não apresente alteração significativa, o que é compatível com as previsões macroeconómicas das principais instituições que apontam para um crescimento modesto dos principais mercados do calçado português.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

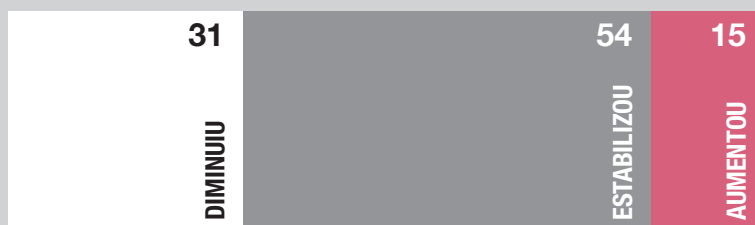
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

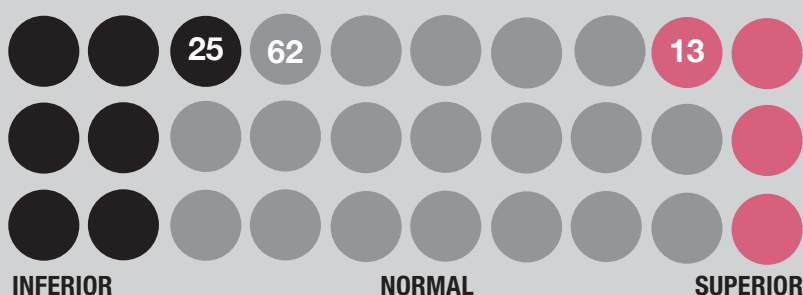
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

A maioria das empresas inquiridas (54%) declara que, no último trimestre de 2015, o seu nível de produção permaneceu inalterado mas o saldo entre as que afirmam que a produção aumentou e diminuiu (s.r.e. – saldo de respostas extremas) é de -16 pontos percentuais (p.p.). Esta tendência de abrandamento da produção é extensiva à maioria dos segmentos da indústria, em função da dimensão, orientação de mercado e aposta na coleção própria, apenas se excetuando as empresas mais pequenas e mais orientadas para o mercado interno.



# Utilização da Capacidade



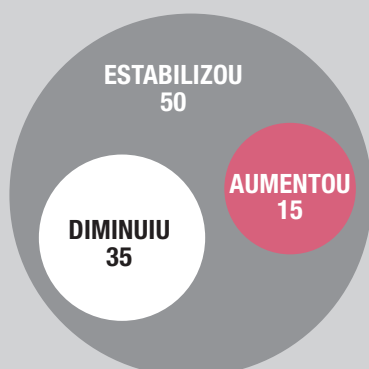
Quase dois terços das empresas consideram que a utilização da sua capacidade produtiva no final de 2015 foi normal para a época do ano. O abrandamento da conjuntura é, no entanto, também patente a este nível: as empresas que dizem que a utilização da capacidade foi inferior ao normal excedem em 12 p.p. as que afirmam o contrário, o segundo saldo mais negativo desde o início de 2013.

# Carteira de Encomendas

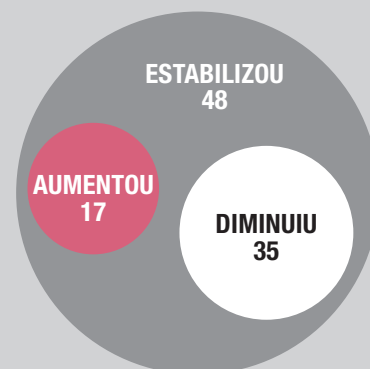
A mesma tendência é visível a nível da carteira de encomendas: embora 50% das empresas digam que no último trimestre do ano a carteira global de encomendas não se alterou, as que afirmam que diminuiu superaram em 20 p.p. as que dizem que aumentou, saldo que duplica a previsão formulada no final do trimestre anterior. As empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional são as únicas que não apresentam um s.r.e. negativo.

Quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, a percentagem de empresas que dizem que permanece inalterada é ligeiramente inferior (48%) por contrapartida de um maior número de empresas que dizem que aumentou (17%). Ainda assim, o saldo de respostas extremas é acentuadamente negativo (-18 p.p.) e, corrigidos os efeitos da sazonalidade, encontra-se agora ao nível mais baixo dos últimos cinco anos.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



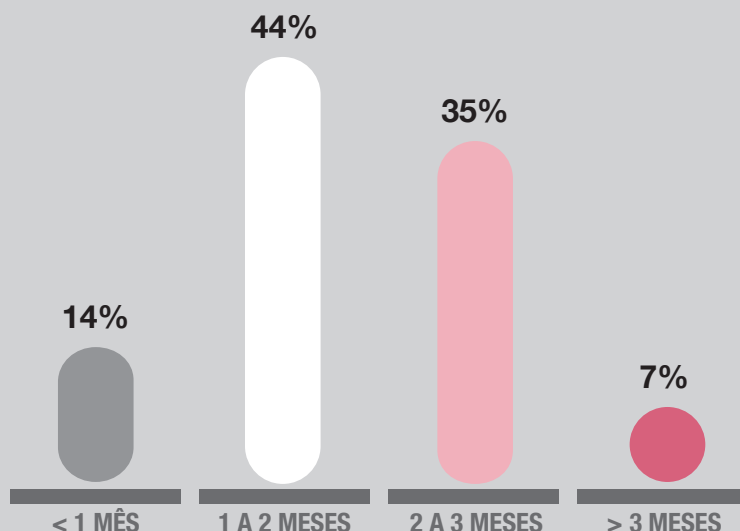
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

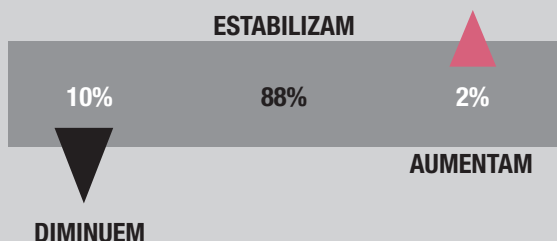
Em linha com as respostas anteriores, as empresas indicam que uma diminuição do tempo de produção garantido pela sua atual carteira de encomendas: 14% dos inquiridos dizem ter menos de um mês de atividade garantida, a percentagem mais alta desde o início de 2012, e 44% dizem ter um a dois meses. A carteira de encomendas tende a ser mais favorável entre as empresas de maior dimensão, nenhuma das quais afirma ter menos de um mês de atividade garantida.



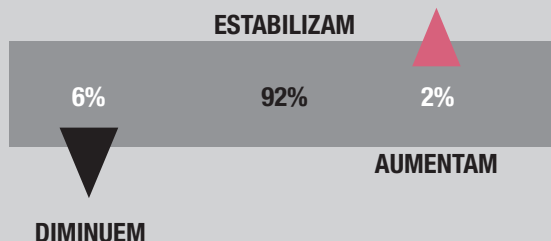
# Preços

Os inquiridos são quase unânimes (88%) na indicação de que, no final de 2015, os preços em Portugal permaneceram estáveis. No entanto, o saldo de respostas extremas atinge -8 p.p., um dos valores mais negativos já registados para esta variável, indiciando uma possível tendência de redução de preços no nosso país. As respostas relativas aos preços no estrangeiro são ainda mais consensuais, com 92% das empresas a apontarem para a sua estabilidade e um s.r.e. de -4 pontos percentuais.

## EM PORTUGAL



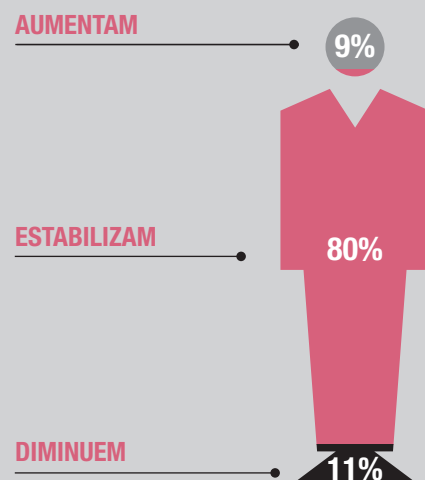
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

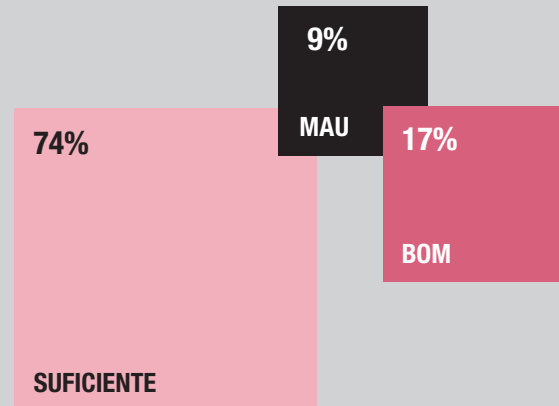
No último trimestre de 2015, o nível de emprego na indústria de calçado permaneceu estável, como aconteceu ao longo do ano: 80% das empresas afirmam que não alteraram o número de pessoas ao seu serviço e as restantes dividem-se praticamente por igual entre as hipóteses de aumento e diminuição (s.r.e. -2 p.p.). Não se nota, nesta matéria, qualquer relação com a dimensão ou a orientação de mercado dos inquiridos.



# Estado dos negócios

Apesar dos sinais de abrandamento da conjuntura patentes nas respostas às questões anteriores, a grande maioria das empresas consideram que a situação permanece satisfatória: quase três quartos dos inquiridos (74%) dizem que o estado dos negócios é suficiente e 17% dizem mesmo que é bom, assegurando um saldo de repostas extremas de +8 p.p., quase o dobro do que as empresas previam no final do terceiro trimestre.

No entanto, em comparação com o ano anterior, uma clara maioria das empresas inquiridas entende que o estado dos negócios no final de 2015 era idêntico ao do final de 2014 mas as que consideram que a situação piorou excedem em 5 p.p. as que pensam que melhorou, refletindo a tendência de deterioração da conjuntura.



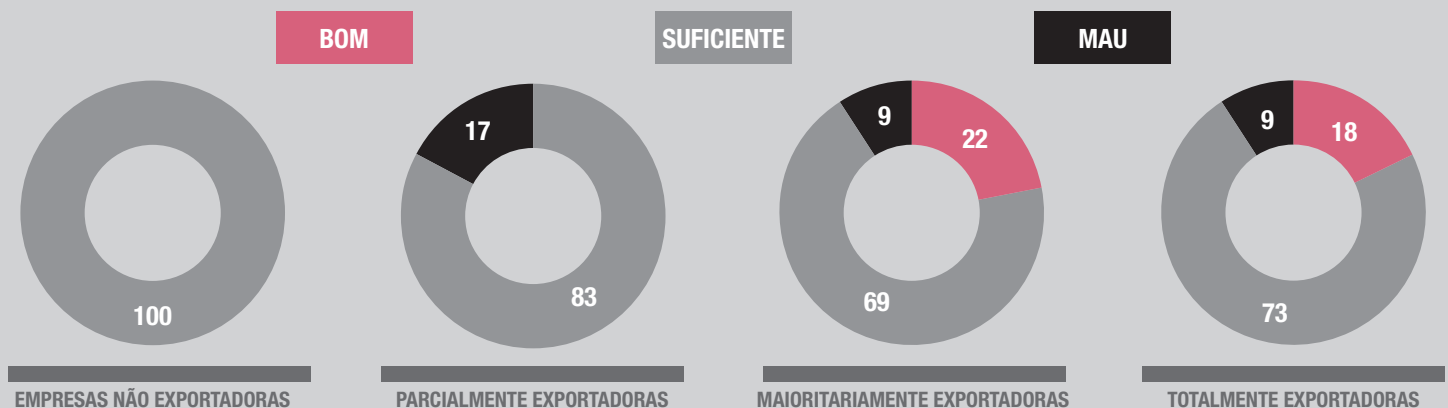
## PERÍODO HOMÓLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

A opinião das empresas sobre o estado dos negócios está positivamente relacionada com a orientação para os mercados internacionais: entre as que exportam menos de 75% das vendas, nenhuma empresa considera que o estado dos negócios seja bom; já entre as que ultrapassam aquele limiar, cerca de 20% consideram que assim acontece. Relativamente ao peso da coleção própria nas

vendas, as opiniões mais favoráveis vêm das empresas com opções extremas: vender apenas coleção própria ou não a vender de todo; as empresas que combinam coleção própria e alheia fazem uma apreciação mais desfavorável da situação. Neste trimestre, a dimensão não apresenta relação com a apreciação sobre o estado dos negócios.



# Limitações à produção

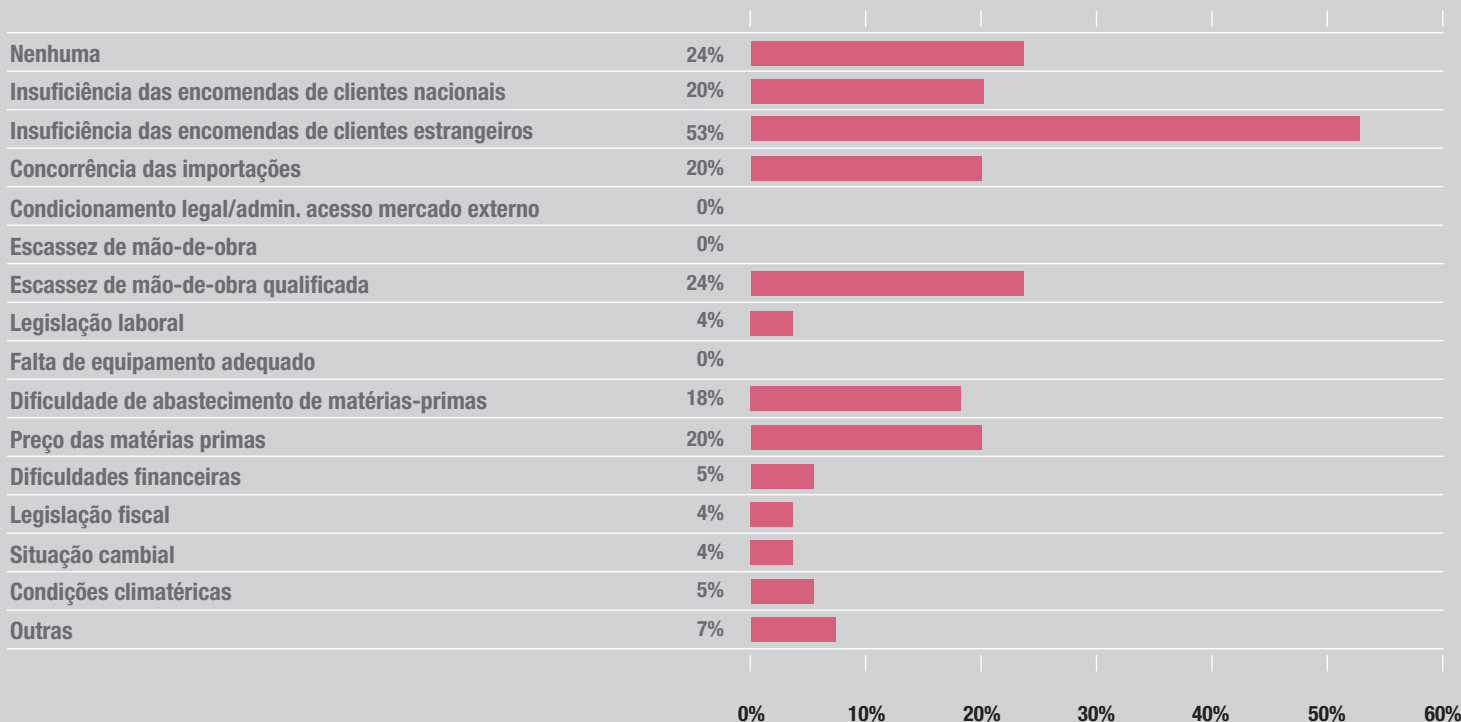
Apesar da evolução desfavorável de algumas das variáveis analisadas nas questões anteriores, a percentagem de empresas inquiridas que declararam que, no quarto trimestre de 2015, não enfrentaram nenhuma limitação à sua atividade permaneceu estável, sendo de 24%. Esta situação é particularmente comum entre as empresas de maior dimensão. No entanto, as referências a dificuldades financeiras aumentaram para 5%, depois de nos 3 trimestres anteriores terem atingido mínimos históricos muito próximos de 0.

A limitação à atividade mais frequente na indústria de calçado continua a ser a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, mencionada por 53% dos inquiridos, 13 p.p. acima do valor registado no trimestre anterior. Em contrapartida, a insuficiência de encomendas de clientes nacionais é referida por apenas 20% das empresas, a mesma percentagem que menciona a concorrência de

importações. Embora, no trimestre, se tenha verificado algum crescimento nas referências a estas duas limitações, quando corrigidos os efeitos da sazonalidade, estas apresentam uma clara tendência decrescente ao longo da última década.

Num contexto de desaceleração da atividade, no último trimestre de 2015, nenhuma das empresas inquiridas enfrentou dificuldades decorrentes da escassez de mão-de-obra, em geral, ou da falta de equipamento adequado. No entanto, quase um quarto das empresas (24%) diz ter enfrentado limitações decorrentes da escassez de mão-de-obra qualificada, o que a torna a segunda dificuldade mais sentida na indústria. A desaceleração da atividade contribui também para explicar a quebra nas referências a dificuldades no abastecimento de matérias-primas, e ao seu preço, aspetos que preocupam cerca de um em cada cinco inquiridos.

Nenhuma das outras potenciais dificuldades sobre que são inquiridas é mencionada por mais de 5% das empresas, embora haja 7% de referências à categoria residual “outras” dificuldades não identificadas.



# Tendências da produção

No primeiro trimestre de 2016, a produção da indústria de calçado deve permanecer inalterada: 70% das empresas inquiridas preveem que assim aconteça e as restantes distribuem-se quase por igual entre as opções de aumento e diminuição, gerando um saldo de respostas

extremas apenas ligeiramente negativo (-2 p.p.). Como tem vindo a acontecer nos últimos trimestres, as empresas orientadas para o mercado nacional mostram-se mais otimistas do que as que vendem sobretudo nos mercados internacionais.

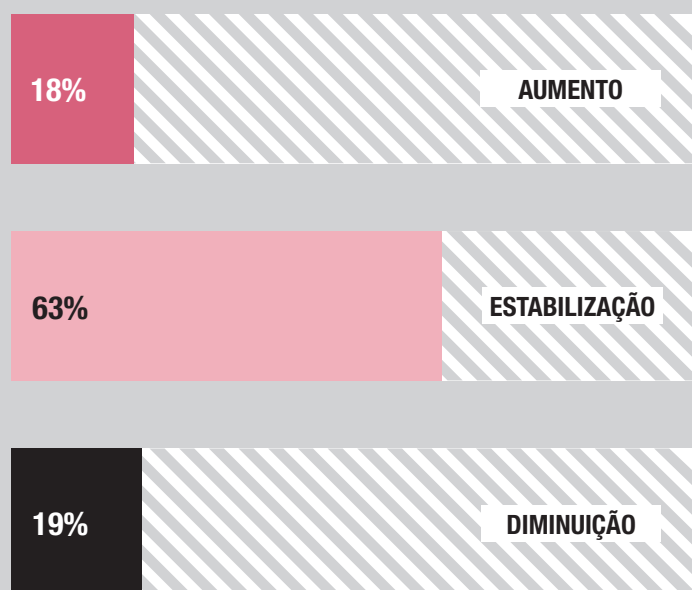


# Perspectivas de encomendas

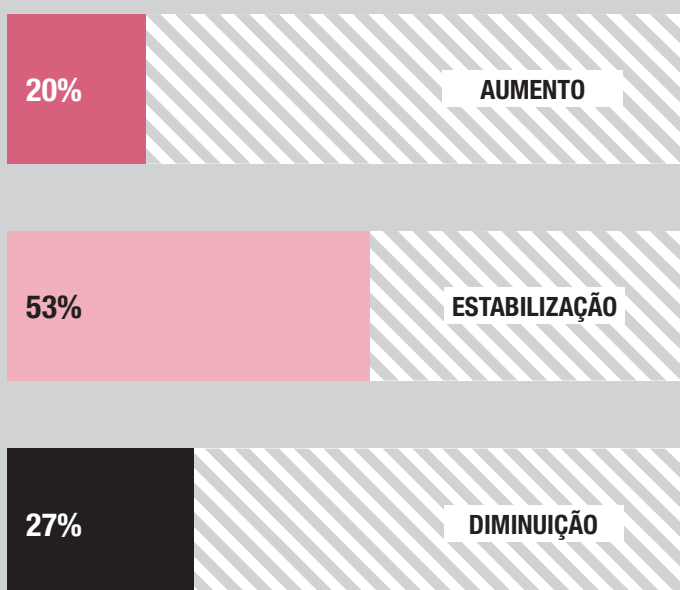
As perspetivas relativas à carteira global de encomendas são igualmente de estabilidade: embora a percentagem de empresas que esperam que a carteira permaneça inalterada seja menor (63%), as restantes distribuem também quase por igual entre as opções de aumento

e diminuição (s.r.e. -1 p.p.). Já no que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro, o saldo de respostas extremas é negativo (-7 p.p.), embora menos acentuadamente do que nos dois trimestres anteriores.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

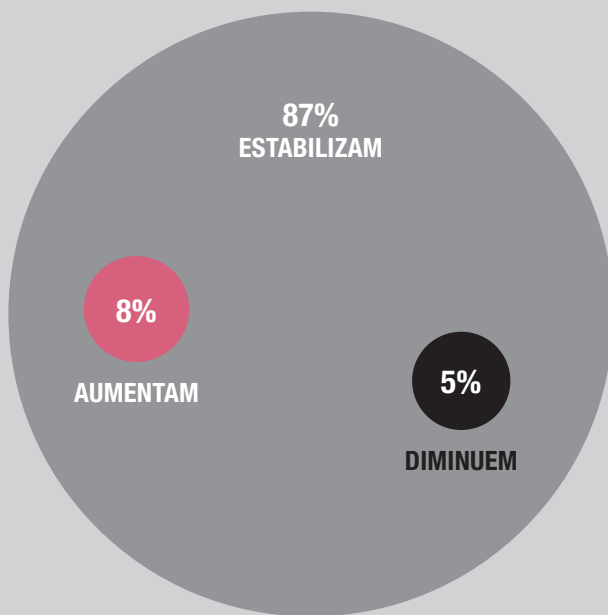


# Perspetivas de preços de venda

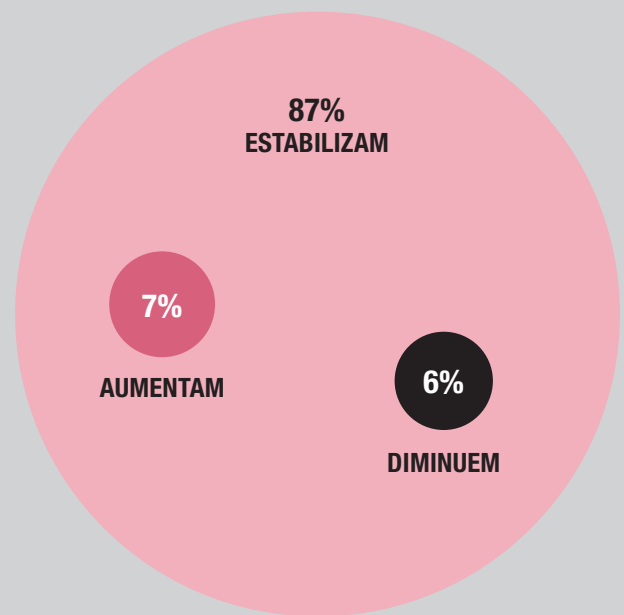
Quase 9 em cada 10 empresas (87%) acreditam que, no primeiro trimestre de 2016, os preços em Portugal permanecerão inalterados. Entre as restantes, são mais frequentes as indicações de subida do que de descida dos preços, gerando um s.r.e. de +3 p.p. Relativamente aos preços nos mercados internacionais, as previsões

são muito semelhantes, com a mesma percentagem de empresas que acreditam que permanecerão inalterados e um s.r.e. ainda menor (+1 p.p.). Entre as empresas com mais de 100 trabalhadores, nenhuma prevê a subida dos preços.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

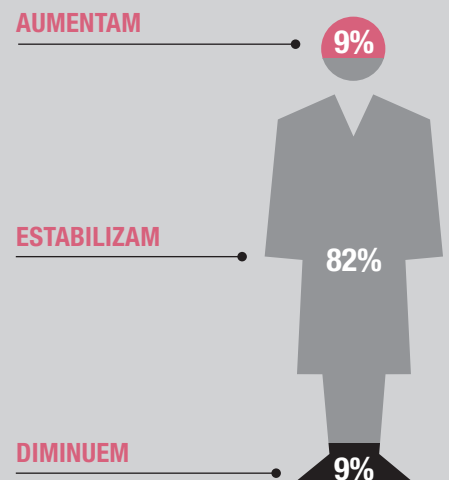


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

O nível de emprego na indústria de calçado não deverá sofrer alteração, no início de 2016: 82% das empresas não preveem alterar o número de pessoas ao seu serviço e as restantes repartem-se por igual entre a previsão de aumento e diminuição. No entanto, as empresas com menos de 50 trabalhadores avançam com previsões predominantemente negativas que são exatamente compensadas pelas previsões mais otimistas das empresas que têm 50 a 100 trabalhadores.

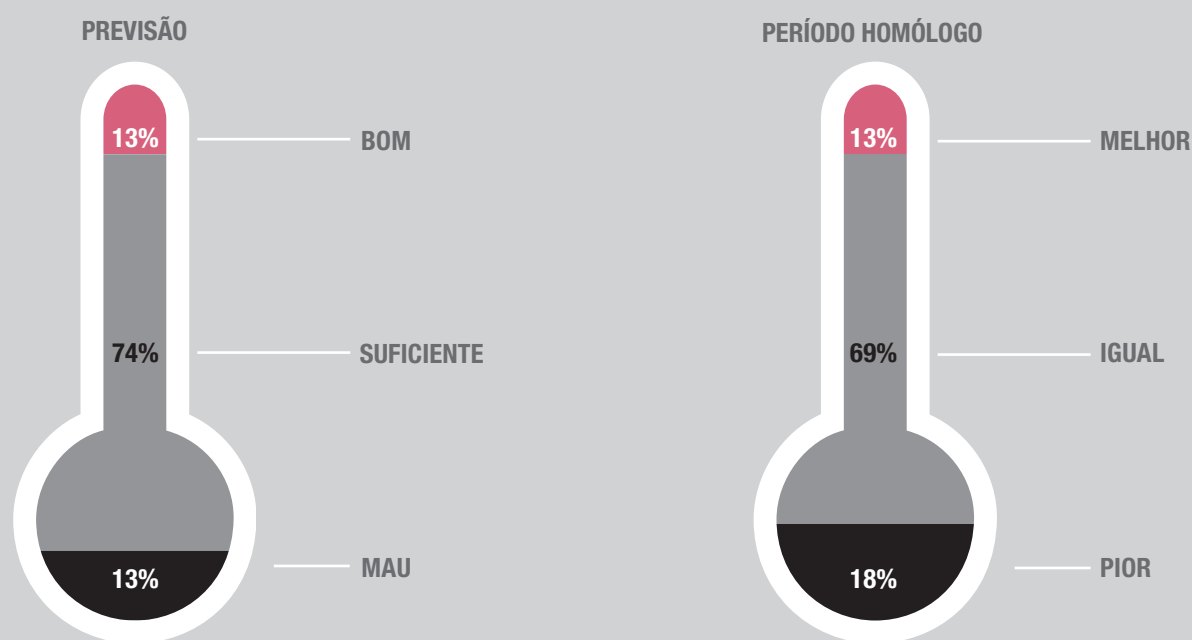




# Perspetiva sobre o estado dos negócios

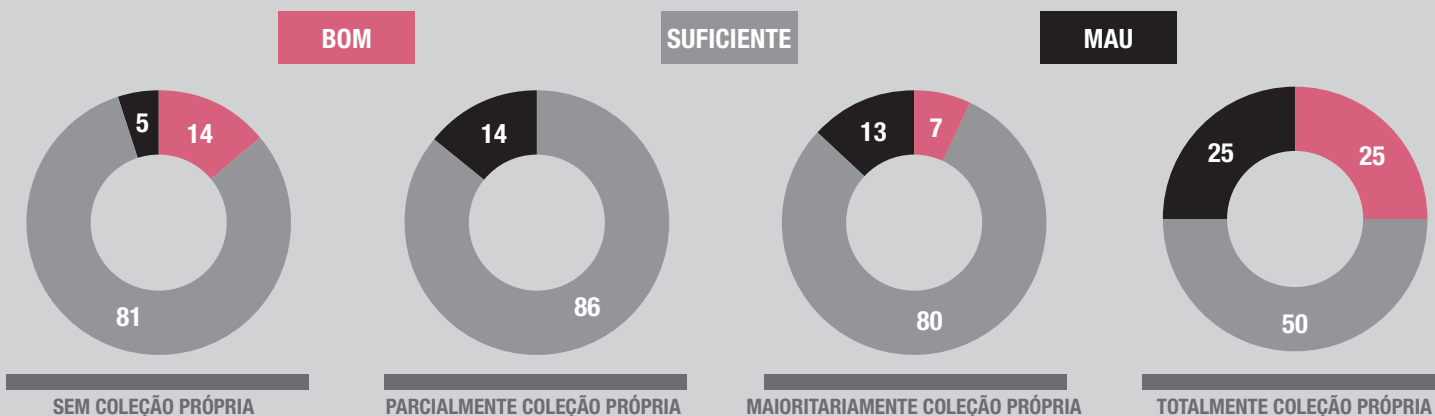
Quanto às perspetivas para o estado dos negócios no início de 2016, três quartos das empresas (74%) acreditam que permanecerá suficiente. Entre as restantes, as que esperam que o estado dos negócios seja bom são em percentagem exatamente igual (13%) à das que receiam que seja mau.

No que respeita à comparação com o mesmo período do ano anterior, as empresas que esperam que o primeiro trimestre de 2016 seja melhor do que o de 2015 são em menor número do que as que acreditam que será pior, traduzindo a tendência de deterioração da conjuntura. No entanto, há uma clara maioria de empresas que acreditam que a situação permanecerá inalterada (69%).



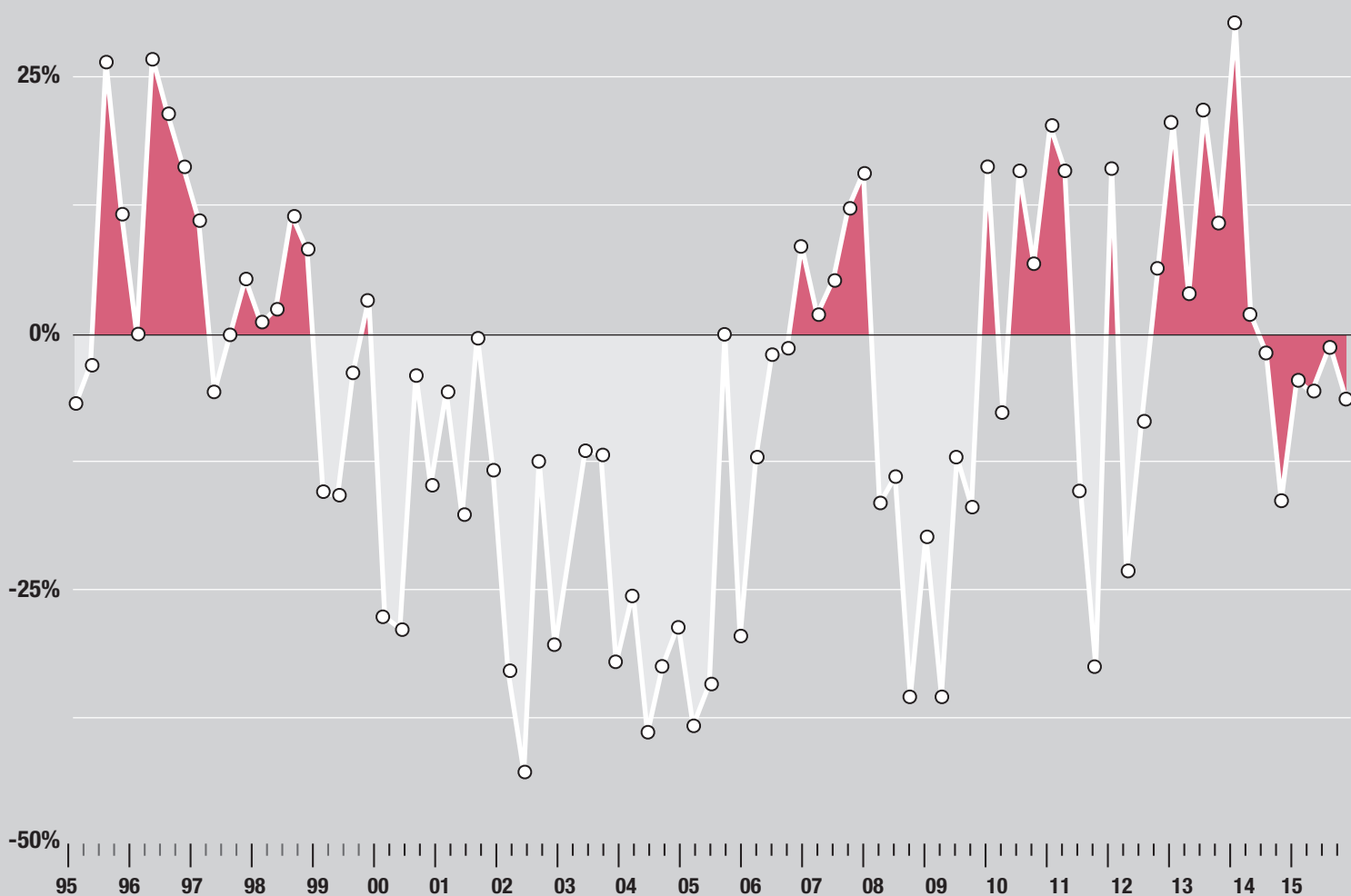
## Apuramento dos resultados

**Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.** As empresas que não têm coleção própria estão mais otimistas quanto às perspetivas para o estado dos negócios (s.r.e. +9 p.p.), e quanto à sua comparação com o mesmo período do ano anterior, do que as que lhe dedicam parte da sua atividade. A dimensão e a orientação de mercado não parecem apresentar, neste trimestre, nenhuma relação estável com a apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios.



# Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O indicador síntese das expectativas empresariais mantém-se em terreno negativo (-6%), em linha com a tendência de deterioração da conjuntura já assinalada, refletindo os saldos de respostas extremas negativos registados nomeadamente nas previsões relativas à produção, à carteira de encomendas e à comparação do estado dos negócios com o mesmo período do ano anterior.



Para o primeiro trimestre de 2016, as empresas preveem um ligeiro agravamento da escassez de encomendas de clientes estrangeiros (de 53% para 55%), que continuará a liderar as suas preocupações, e de clientes nacionais (de 20% para 22%). Preveem também um agravamento das dificuldades relacionadas com matérias-primas, seja a nível de abastecimento (de 18% para 24%), seja de preço (de 20% para 24%), bem como, com menor destaque, com fatores legislativos e administrativos (legislação

laboral, legislação fiscal, condicionamento no acesso a mercados) e com a escassez de mão-de-obra, em geral. Em contrapartida, as previsões formuladas apontam para algum abrandamento das limitações decorrentes da escassez de mão-de-obra qualificada (de 24% para 22%) e com a concorrência de importações (de 20% para 16%). As empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade (22%) são em menor número do que as que disseram não as ter sentido no trimestre agora terminado (24%).

---

# Notas de Conjuntura

De acordo com o cenário macroeconómico subjacente ao Orçamento de Estado para 2016, o Governo prevê que, este ano, a economia portuguesa cresça 1,8%, o valor mais elevado dos últimos seis anos, 0,3 pontos percentuais acima do crescimento registado no ano anterior. O Governo prevê também que as componentes da despesa mais relevantes para a indústria de calçado, o consumo privado e as exportações de bens e serviços, cresçam, respetivamente, 2,4% e 4,3%. O desemprego deverá diminuir 1 ponto percentual, caindo para 11,3%.

As previsões de inverno da Comissão Europeia para Portugal são ligeiramente menos favoráveis, apontando para um crescimento económico de 1,6% e uma taxa de desemprego de 11,7%, em 2016. A Comissão alerta, no entanto, que a incerteza que rodeia esta previsão é predominantemente no sentido da baixa devido aos elevados níveis de endividamento da economia portuguesa.

O crescimento que a Comissão prevê para Portugal fica um pouco aquém dos 1,7% que estima para a zona euro e dos 1,9% que antevê para o conjunto da União Europeia. Com uma previsão de 4,5%, a Irlanda é o estado membro com perspetivas mais auspiciosas. Alguns países do Leste europeu, como a Polónia (3,5%) e a Roménia (4,2%) apresentam também projeções bastante positivas. Nos principais mercados do calçado português, o crescimento deverá ser moderado, não indo além de 1,8% na Alemanha e de 1,3% em França. Globalmente, a Comissão Europeia mostra-se cautelosa:

“A economia europeia continua a ser suportada por vários fatores positivos como os preços do petróleo, a taxa de câmbio do euro e custos de financiamento que têm estimulado as exportações e o crescimento privado. No entanto, o investimento continua a ser travado por incerteza económica e política e, em alguns países, por endividamento excessivo. Agora, ao entrar no seu quarto ano de recuperação, a economia europeia enfrenta ventos contrários e riscos substanciais decorrentes do abrandamento nas economias emergentes. Até agora, um crescimento económico suficientemente forte para reduzir substancialmente o desemprego ainda não se materializou e os sinais do fortalecimento do investimento, que é crucial para a sustentabilidade da recuperação, permanecem limitados.

Espera-se que 2015 fique marcado por ser o primeiro ano, desde a crise, em que nenhum estado membro registou um decréscimo do produto. (...) Em 2016, os estados membros deverão prosseguir uma trajetória de recuperação, incluindo a Grécia, onde o crescimento deverá ser relançado novamente durante o ano. Em 2017, a atividade económica deverá estar em crescimento em todos os estados membros.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Inverno de 2016\*

Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional, atualizou as suas projeções para a economia mundial, tendo reduzido as previsões de crescimento para 2016 e 2017 em 0,2 pontos percentuais, respetivamente para 3,4% e 3,6%. O FMI afirma:

“Nas economias avançadas, espera-se que continue uma recuperação modesta e desequilibrada, com uma redução gradual adicional dos gaps do produto. A perspetiva para os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento é diferente mas, em muitos casos, desafiadora. O abrandamento e reequilíbrio da economia chinesa, os preços mais baixos das commodities e as tensões em algumas grandes economias emergentes vão continuar a pesar nas perspetivas de crescimento para 2016-2017. A projetada aceleração do crescimento nos próximos dois anos – apesar do abrandamento em curso na China – reflete sobretudo previsões de uma melhoria gradual das taxas de crescimento em países atualmente a atravessar dificuldades económicas, especialmente o Brasil, a Rússia e alguns países no Médio Oriente, embora mesmo esta projetada recuperação parcial possa ser frustrada por novos choques económicos ou políticos.

Os riscos para as perspetivas globais permanecem de sentido predominantemente negativo e relacionam-se com ajustamentos em curso na economia global: um abrandamento generalizado nas economias emergentes de mercado, o reequilíbrio na China, os menores preços das commodities, e o gradual abandono das condições monetárias extraordinariamente acomodáticas nos Estados Unidos. Se estes desafios não forem geridos com sucesso, o crescimento global poderá descarrilar.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, janeiro 2016

\*Tradução nossa

**PORTU  
GUESE  
SHOES**  
DESIGNED BY  
THE FUTURE

